

«GERAR RASTO NA HISTÓRIA DO MUNDO»

5. A permanência do acontecimento na história (o templo no tempo)

por Luigi Giussani*

O testemunho de Mikel Azurmendi demonstrou-nos que a experiência cristã é a «surpresa de uma pessoa» que entra na nossa vida. Essa surpresa, um encontro absolutamente gratuito, não deixa o homem passivo, mas pede para ser acolhida. Só tendo a paciência de deixar-lhe espaço é que o homem se poderá dar conta do bem e da alegria que ela transmite, como principal «fonte do gosto da vida». Assim a surpresa inicial, com o tempo, torna-se admiração e simpatia profunda.

Publicamos o texto sobre o qual iremos trabalhar até ao início das férias de Natal, retirado do livro de L. Giussani - S. Alberto - J. Prades, *Gerar rasto na história do mundo*, Paulus, Lisboa 2019, (pp. 87-105).

Relembramos que é possível enviar perguntas e testemunhos através do site:
<http://eventi.comunioneliberazione.org/gscontributi/>
na secção «Escola de Comunidade».

6. UMA MORALIDADE NOVA

Falar da inteligência nova do real, introduzindo o conceito de *affectus*, significa chegar ao limiar do problema moral. Conhecimento novo e moralidade nova têm a mesma origem. Para Simão, filho de João e para Paulo, a origem do conhecimento novo é idêntica à origem da sua moralidade: um Acontecimento presente.

Da pertença à companhia de Cristo nasce uma nova conceção do problema moral. Na confusão, na solidão obscura, na violência vertiginosa que domina o mundo de hoje, todos falam de moral. Mas o problema não surge nunca na sua verdade.

Ora, a ação do homem é moral quando é em função da totalidade. A ação só é verdadeira, se corresponder ao desígnio total; se deixar para trás uma parte, já não é moral. É semelhante ao dinamismo da razão que, sendo consciência da realidade segundo a totalidade dos seus factores, se deixar de fora nem que seja apenas um destes factores, já não é razão, mas mentira. Da mesma forma, um ato é moral quando mantém a abertura original à realidade com que Deus nos cria continuamente.

A corrupção da moralidade – hoje particularmente em voga – chama-se moralismo. O moralismo é a escolha unilateral de valores para avalizar a própria visão das coisas. Nor- »

* Do volume L. Giussani - S. Alberto - J. Prades
Gerar rasto na história do mundo,
Paulus, Lisboa 2019, pp. 87.

» malmente, os homens percebem que, sem uma determinada ordem, não se pode conceber a vida, o real, a existência. Mas como é que definem esta ordem? Considerando a realidade segundo os vários pontos de vista de que partem, descrevem-na nos seus dinamismos estáveis e elencam uma série de princípios e de leis, convencidos de que se os respeitarem, se cria a ordem. E é então que se sucedem, em cada época, as várias proposições analíticas em que a reflexão distende as suas pretensões: «É preciso fazer assim e assado». Os fariseus definiam a ordem com um número quase infinito de leis: de um certo ponto de vista, o fariseu é o homem afeiçoado à ordem, o defensor da moral entendida como aquela ordem afirmada e delineada, tanto quanto é possível ao homem, em todos os seus pormenores.

O moralismo traduz-se em dois sintomas graves. O primeiro é, precisamente, o farisaísmo. Ninguém é mais antievangélico do que quem se considera honesto,⁹⁸ porque já não precisa de Cristo. O fariseu vive sem tensão, porque estabelece ele mesmo a medida do que é justo e identifica-o com aquilo que crê poder fazer. Como contraposição, usa da violência contra quem não é como ele. O segundo sintoma, por isso, é a facilidade para a calúnia. De um lado, portanto, justificação para si mesmo. Do outro, o ódio e condenação do próximo.

Existe, porém, mais uma consequência daquilo que dissemos: pode-se ter muitas morais, e as intenções de quem as descreve podem até parecer, em teoria, todas justas, mas o homem é impotente diante dos ideais que ele próprio traça como sulco ao qual ser fiel no seu caminho.

Quem é que é capaz de moralidade? Cada homem, na sua fraqueza, é pecador. Sem a consciência de sermos pecadores, não podemos dirigir-nos a ninguém sem injustiça, presunção, pretensão, ataque, calúnia e mentira. Na consciência de sermos pecadores, surgem, pelo contrário, a possibilidade de uma discricção, a nostalgia de uma verdade para si e para o outro, o desejo de que ao menos o outro seja melhor do que nós, a humildade. Não se pode estabelecer nenhuma relação verdadeira senão partindo da consciência de sermos pecadores, daquilo que falta, daquilo em que caímos.

Este é o ponto sobre o qual Cristo retomou uma insistência que tinha já sido a dos profetas. Qual é o homem que pode dizer: «Eu obedeço a todas as leis?». Pode dizer-se: «Reconheço estas leis como necessárias», mas quem é que as guarda todas? Quem é que pode dizer: «Observo-as todas»? O fariseu no templo! Mas é um fariseu, e então esbate o significado do termo e torna-se sinónimo de impostor, de presunçoso. Pelo contrário, ao fundo do templo, está o pobre coitado que reconhece ter ido contra as leis: «Senhor, perdoa-me, porque sou um pecador».⁹⁹

A coerência é um milagre e por isso a moralidade verdadeira é um milagre. É na fidelidade à companhia cristã que uma pessoa, com o tempo, se surpreende capaz de coisas que não podia sequer imaginar: «A vós, Senhor, pertence a graça».¹⁰⁰

No Reino de Deus não há nenhuma medida, nenhum metro. «Ninguém julga, porque só Deus julga».¹⁰¹ São Paulo diz também: «Nem sequer me julgo a mim mesmo».¹⁰² Só Deus mede todos os factores do homem que age e a sua medida vai para além de qualquer outra medida: chama-se misericórdia, algo que para nós é, em última instância, incompreensível. Como o homem Jesus que disse daqueles que o matavam: «Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem»:¹⁰³ sobre a margem infinitesimal da sua ignorância, Cristo construía a sua defesa. A nossa imitação d'Ele está no espaço da misericórdia.

Por isso, a moralidade é uma tensão de contínuo retomar. Como uma criança que aprende »

⁹⁸ Cf. Lc 18,9-14.

⁹⁹ Cf. Lc 18,13.

¹⁰⁰ Sal 62 (61),12.

¹⁰¹ Cf. Rm 14,10-13.

¹⁰² Cf. 1Cor 4,3.

¹⁰³ Lc 23,34.

» a andar: cai dez vezes, mas dirige-se à sua mãe, levanta-se e dirige-se a ela. O mal não nos detém: podemos cair mil vezes, mas o mal não nos define, como define, pelo contrário, a mentalidade mundana, graças à qual, afinal, os homens justificam aquilo que não conseguem deixar de fazer. Característica da verdadeira moralidade é, então, o desejo de correção. O termo «corrigir», que traduz o latim *regere cum*, indica o caminhar juntos.

Sintoma último da moralidade como tensão é a ausência de escândalo: um cristão que vive a companhia não se escandaliza com nada, sente dor pelo mal, mas não escândalo.

Como é que esta moralidade nova entrou no mundo? Como é que se manifestou?

«Simão, tu amas-Me?»

O Capítulo 21 do Evangelho de João é a prova fascinante do surgimento histórico da ética nova. A história particular que ali se documenta é a pedra angular da conceção cristã do homem, da sua moralidade, na sua relação com Deus, com a vida, com o mundo.

Os discípulos estavam de regresso, de madrugada, de uma difícil noite no lago, em que não tinham pescado nada. Perto da margem, veem na praia uma figura que se atarefava a acender o lume. Veriam depois que no fogo estavam peixes apanhados para eles, para a fome daquelas primeiras horas da manhã. A certa altura, João diz a Pedro: «Mas aquele é o Senhor!». Então abrem-se os olhos de todos e Pedro atira-se à água, tal como está, e é o primeiro a chegar à margem. Seguem-se os outros. Dispõem-se em círculo, em silêncio: ninguém fala, porque todos sabem que é o Senhor. Estendidos no chão para comer, trocam entre si algumas palavras, mas estão todos intimidados pela presença excepcional de Jesus, Jesus ressuscitado, que já lhe tinha aparecido em várias circunstâncias.

Simão, a quem os muitos erros tinham tornado no mais humilde de todos, estendido também ele no chão diante do alimento preparado pelo Mestre, olha para quem está ao seu lado e, com espanto e tremor, vê que é Jesus. Então desvia o olhar d'Ele e fica assim, embracado. Mas Jesus fala-lhe. Pedro pensa, no seu coração: «Meu Deus, meu Deus, quantas recriminações mereço! Agora vai dizer-me: “Porque me traíste?”. A traição tinha sido o último erro grande cometido, mas toda a sua vida, também na familiaridade com o Mestre, tinha sido atribulada, por causa do seu carácter impetuoso, da sua imponência instintiva, da sua maneira de avançar sem pensar. Tudo em si era visto por ele à luz dos seus defeitos. Aquela traição tinha feito vir ao de cima, com clareza, o resto dos seus erros, o quanto não valia nada, o quanto era fraco, fraco a ponto de causar compaixão. «Simão...» - quem sabe o arrepio que sentiu enquanto aquela palavra entrava nos seus ouvidos tocando-lhe o coração - «Simão...» - e aqui terá cedido em voltar o seu rosto para Jesus -, «...tu amas-Me?». Quem poderia esperar aquela pergunta? Quem poderia esperar aquelas palavras?

Pedro era um homem de quarenta ou cinquenta anos, com família e filhos e, no entanto, tão criança diante do mistério daquele companheiro encontrado por acaso! Imaginamos como se terá sentido trespassado por aquele olhar que o conhecia totalmente. «Chamar-te-ei Cefa»;¹⁰⁴ o seu temperamento identificava-se com aquela palavra, «pedra», e o seu último pensamento seria para ele imaginar o que é que o mistério de Deus e o mistério daquele Homem – Filho de Deus – poderia fazer com aquela pedra, daquela pedra. Desde o primeiro encontro, Ele encheu toda a sua alma, todo o seu coração. Com aquela presença dentro do coração, com a memória contínua d'Ele, olhava para a mulher e para os filhos, para os colegas de trabalho, para os amigos e os estranhos, os indivíduos e as multidões, e pensava e adormecia. Aquele Homem tinha-se tornado para ele numa grande, imensa revelação ainda não esclarecida. »

¹⁰⁴ Cf. Jo 1,42.

» «Simão, amas-Me?». «Sim, Senhor, amo-Te». Como conseguiu dizer isto depois de tudo quanto tinha feito? Aquele «sim» era a afirmação do reconhecimento de uma excelência suprema, de uma excelência inegável, de uma simpatia que arrastava todas as outras. Tudo ficava inscrito naquele olhar deles, coerência e incoerência era como se passassem finalmente para segundo plano, para trás da fidelidade que sentia carne da sua carne, para trás da forma de vida que aquele encontro tinha plasmado.

De facto, não houve nenhuma recriminação. Ecoou apenas a mesma pergunta: «Simão, amas-Me?». Não inseguro, mas temeroso e a tremer, responde de novo: «Sim, eu amo-Te». Mas à terceira vez, a terceira vez que Jesus lhe dirige a mesma pergunta, é preciso pedir a confirmação do próprio Jesus: «Sim, Senhor, Tu sabes isso, eu amo-Te. É para Ti toda a minha preferência de homem, toda a preferência da minha alma, toda a preferência do meu coração. Tu és a preferência extrema da vida, a excelência suprema das coisas. Eu não sei, não sei como como, não sei como dizê-lo e não sei como é, mas apesar de tudo aquilo que fiz, apesar daquilo que ainda posso vir a fazer, eu amo-Te».

Este «sim» é a origem da moralidade, o primeiro sopro de moralidade no deserto árido do instinto e da reação pura. A moralidade enterra as suas raízes no «sim» de Simão, e este «sim» só pode ganhar raízes na terra do homem através de uma Presença dominante, compreendida, aceite, abraçada, servida com todo o ímpeto do coração, que só assim pode voltar a ser criança. Sem Presença não há gesto moral, não há moralidade.

Mas por que é que o «sim» de Simão a Jesus é a origem da moralidade? Não existiam antes os critérios de coerência e incoerência?

Pedro tinha feito de tudo, porém vivia uma simpatia suprema por Cristo. Percebia que tudo em si tendia para Cristo, que tudo se juntava naqueles olhos, naquele rosto, naquele coração. Os pecados passados não podiam constituir uma objeção, bem como toda a sua incoerência futura: Cristo era a fonte, o lugar da sua esperança. Mesmo que lhe tivessem objetado com aquilo que tinha feito ou que poderia fazer, Cristo continuava a ser, através da névoa daquelas objeções, a fonte de luz da sua esperança. E ele estimava-O acima de qualquer outra coisa, desde o primeiro momento em que se tinha sentido fixado por Ele, olhado por Ele: amava-O por isso.

«Sim, Senhor, Tu sabes que és o objeto da minha simpatia suprema, da minha estima suprema»: assim nasce a moralidade. E, no entanto, a expressão é muito genérica: «Sim, eu amo-Te»; mas é tão genérica quanto geradora de uma diferença de vida realizada.

«E todo o que n'Ele tem esta esperança, purifica-se a si mesmo, como também Ele é puro».¹⁰⁵ A nossa esperança está em Cristo, naquela Presença que, por mais distraídos e esquecidos, já não conseguimos arrancar – pelo menos, até ao último resquício – da terra do nosso coração, devido a toda a tradição através da qual Ele chegou até nós. É n'Ele que eu tenho esperança, antes de contar os meus erros e as minhas virtudes. Não entram aqui contas numéricas. Na relação com Ele o número não conta, o peso medido e mensurável não entra, e toda a possibilidade de mal que pode realizar-se em mim no futuro, também esta não conta, não consegue usurpar o título primário que tem diante dos olhos de Cristo o «sim» de Simão, por mim repetido. Então vem um suspiro de dentro de nós, como um fluxo de ar que sobe do peito e inebria toda a pessoa e a faz agir, a faz desejar agir de modo mais justo: jorra, sai do fundo do coração, a flor do desejo de justiça, do amor verdadeiro, autêntico, da capacidade de gratuidade. Tal como no início de cada movimento nosso não existe uma análise daquilo que os olhos veem, mas um abraço daquilo que o coração espera, assim a perfeição não é o cumprimento das leis, mas a adesão a uma Presença.

Só o homem que vive esta esperança em Cristo continua toda a sua vida na ascese, no »

¹⁰⁵ 1Jo 3,3.

» esforço para o bem. E mesmo quando ele é, de forma evidente, contraditório, deseja o bem. Este vence sempre, no sentido em que é a última palavra sobre si, sobre o seu dia, sobre aquilo que se faz, sobre aquilo que se fez, sobre aquilo que se fará. O homem que vive esta esperança em Cristo continua na ascese. A moralidade é uma tensão contínua para o «perfeito» que nasce de um acontecimento em que uma relação com o divino, com o Misério, é *marcada*.

A razão última do «sim»

Qual é a razão verdadeira do «sim» a Cristo dito por Simão? Por que é que o «sim» dito a Jesus vale mais do que a enumeração todos os nossos erros e a listagem de todas as possibilidades de erros futuros que a nossa fraqueza implica? Por que é que este «sim» é mais decisivo e maior do que toda responsabilidade moral traduzida nos seus pormenores, traduzida em prática concreta? A resposta a estas perguntas revela a essência última do Enviado do Pai. Cristo é o «enviado» do Pai, é Aquele que revela o Pai aos homens e ao mundo. «E a vida eterna consiste nisto: que Te conheçam a Ti, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste». ¹⁰⁶ A coisa mais importante é «que Te conheçam», que Te amem, porque este Tu é o sentido da vida.

«Sim, eu amo-Te», disse Pedro. E a razão deste «sim» consistia no facto de que ele tinha entrevisto, naqueles olhos que o tinham fixado daquela primeira vez e que depois o tinham fixado tantas outras vezes nos dias e anos seguintes, quem era Deus, quem era Javé, o verdadeiro Javé: misericórdia. ¹⁰⁷ Em Jesus revela-se-lhe a relação de Deus com a sua criatura como amor e, portanto, como misericórdia. A misericórdia é a posição do Mistério em relação a qualquer fraqueza, erro e esquecimento do homem: Deus, diante de qualquer delito do homem, ama-o.

Foi isto que Simão sentiu, e daqui nasce o seu «Sim, eu amo-Te».

O sentido do mundo e da história é a misericórdia de Cristo, Filho do Pai, enviado pelo Pai para morrer por nós. No drama de Milosz, a Miguel Mañara, que ia todos os dias ter com ele para se lamentar dos seus pecados passados, o Abade, a certa altura, diz impaciente: «Acaba com esses lamentos de pieguinhas. Tudo isso nunca existiu». Como, «nunca existiu»? Miguel tinha assassinado, estropado, tinha sido injusto... «Tudo isso nunca existiu. Só Ele é». ¹⁰⁸ Ele, Jesus, dirige-se a nós, faz-se «encontro» para nós, perguntando-nos uma única coisa: não «o que fizeste?», mas «amas-me?».

Amá-lo acima de todas as coisas, então, não quer dizer que eu não tenha pecado ou que não venha a pecar amanhã. Que estranho! É preciso um poder infinito para ser esta misericórdia, um poder infinito ao qual – neste mundo terreno, no tempo e no espaço que nos é dado viver, nos anos, poucos ou muitos que sejam – nós vamos buscar e alcançar a letícia. Porque um homem, com a consciência de toda a sua pequenez, fica alegre diante do anúnico desta »

¹⁰⁶ Jo 17,3.

¹⁰⁷ Um trecho de Santo Ambrósio pode esclarecer-nos a este propósito. No seu longo comentário à Criação, chegando ao sétimo dia, aquele em que Deus repousou, ele afirma: «Agradeço ao Senhor Nosso Deus, que criou uma obra tão maravilhosa na qual encontrou o seu repouso. Criou o céu, e não leio que tenha repousado; criou a terra, e não leio que tenha repousado; criou o céu, a lua, as estrelas, e não leio que nem sequer então tenha repousado; mas leio que criou o homem e que nessa altura repousou, tendo um ser a quem perdoar os pecados» (Santo Ambrósio, *Exameron*, IX, 76, em *Opera omnia di Sant' Ambrogio*, vol. I, Biblioteca Ambrosiana- Città Nuova Editrice, Milão-Roma 1979, p. 419).

¹⁰⁸ Cfr. O. Milosz, *Miguel Mañara*, Edição Meeting de Lisboa, Lisboa 2016, pp. 37-49.

» misericórdia: Jesus é misericórdia. Ele é o enviado do Pai para nos dar a conhecer que a essência de Deus tem como característica suprema para o homem a misericórdia. «Debruce-te sobre as nossas feridas e curaste-nos – diz um *Prefácio* da liturgia ambrosiana – dando-nos um remédio mais forte do que as nossas feridas, uma misericórdia maior do que a nossa culpa. Assim, também o pecado, em virtude do Teu invencível amor, serviu para nos elevar à vida divina».¹⁰⁹

Desta letícia surge a paz, a possibilidade da paz. Mesmo em todas as nossas desventuras, em todas as nossas maldades, em todas as nossas incoerências, em toda a nossa fraqueza, naquela fraqueza mortal que é o homem, podemos realmente respirar e suspirar a paz, gerar paz e respeito pelo outro.

E respeitar o outro quer dizer olhá-lo com os olhos de uma outra Presença. «Os cristãos», diz-se na *Carta a Diogneto* do Século II «tratam-se com um respeito inconcebível para os outros».¹¹⁰ A palavra «respeito» (*respectus*, de *res-picio*) tem a mesma raiz de *aspicio* (olhar), e o *re-* serve para indicar que se continua a manter o olhar dirigido-a, como faz aquele que, ao caminhar, mantém no entanto o olhar fixo no objeto. «Respeito» quer dizer: «olhar para uma pessoa tendo presente uma outra». É como olhar para uma criança quando está, ali próxima, a mãe: a professora não a trata como de costume, fica mais atenta, admite-se que tem algum pudor (mas hoje, talvez, também isso se perdeu). Sem o respeito por aquilo que se manipula, por aquilo que me deve servir, por aquilo que eu tomo para que me sirva, não há relação adequada com nada. Mas o respeito não pode nascer do facto de que aquilo que eu tenho à minha frente me serve: deste ponto de vista, eu domino. Não, o respeito «arromba» aquilo que eu uso. Assim o trabalho adquire uma nobreza, uma ligeireza de alma maior, mesmo no meio de todas as tribulações com que nos levantamos da cama. E o renovar-se desta consciência é a oração da manhã. Um homem que olhe para a sua mulher apercebendo-se e reconhecendo o Outro, Jesus, na e para além da figura da sua mulher, pode ter por ela respeito e veneração, pode ter estima pela sua liberdade, que é relação com o infinito, relação com Jesus.

O início da moralidade humana é um ato de amor

O «sim» de Simão a Jesus não pode ser considerado como a marca de um sentimento, mas é o início de um caminho moral que ou se abre com aquele «sim», ou não se abre. O início de uma moral humana não é a análise dos fenómenos que enchem a existência do eu, nem a análise dos comportamentos humanos tendo em vista um bem comum; isso poderia ser o início de uma moral abstrata laica, mas não de uma moral humana.

São Tomás assinala que «quanto aos homens, a vida de cada um consiste naquilo que mais lhe agrada e que sobretudo busca».¹¹¹ O início de uma moralidade humana é um ato de amor. Por isso se exige uma presença, a presença de alguém que impressione a nossa pessoa, que junte todas as nossas forças e as convoque, atraindo-as para um bem desconhecido, porém desejado e esperado: o bem que é o Mistério.

O diálogo entre Jesus e Pedro termina de uma forma estranha. Este, que vai seguir Jesus, está preocupado com o mais novo, João, que era para ele como um filho: «Ao vê-lo, Pedro disse a Jesus: “Senhor, e deste que será?”. Disse-lhe Jesus: “Se Eu quiser que ele fique até que Eu venha, que tens com isso? Tu, segue-me”».¹¹² Aquele «sim» é dirigido a uma Pre- »

¹⁰⁹ *Prefácio* do XVI Domingo do tempo «per annum», em *Messale Ambrosiano Festivo*, Marietti-Jaca Book, Turim-Milão 1976, p. 653.

¹¹⁰ Cf. *Carta a Diogneto*, PG 2, 1167-1186.

¹¹¹ Cf. São Tomás, *Summa Theologiae*, II, IIae, q. 179, art. 1.

¹¹² Cf. Jo 21,20-22.

» sença que diz: «Segue-me, abandona a tua vida». «Jesu, tibi vivo, Jesus tibi morior, Jesu sive vivo sive morior, tuus sum».¹¹³ Quer tu vivas, quer tu morras, é meu. Pertences-me. Fiz-te. Eu sou o teu destino. Eu sou o significado de ti e do mundo.

O protagonista da moral é a pessoa como um todo, o eu como um todo. E a pessoa tem como lei uma palavra que todos acreditamos conhecer e da qual, depois de muito tempo, se houver um mínimo de fidelidade ao que é original em nós, se começa a entrever o significado: amor. A pessoa tem como lei o amor. «Deus é amor», escreve São João.¹¹⁴

O amor é um juízo comovido por uma Presença ligada com o destino. É um juízo, como quando se diz: «Este é o Monte Branco», «este é um grande amigo meu». O amor é um juízo comovido por uma Presença ligada com o meu destino, que eu descubro, entrevejo, presinto que está ligada com o meu destino. Quando João e André o viram pela primeira vez, e O ouviram dizer: «Venham a minha casa. Venham ver», e ficaram umas horas a ouvi-l'O falar, não entendiam, mas pressentiam que aquela pessoa estava ligada com o destino deles. Tinham escutado todos aqueles que falavam em público, tinham ouvido as opiniões deles e de todas as partes; mas só aquele Homem tinha uma ligação com o destino deles.

A moral cristã é a revolução na terra, porque não é uma lista de leis, mas um amor pelo ser: uma pessoa pode errar mil vezes, e será sempre perdoada, será sempre retomada e retomará o seu passo no caminho, se o seu coração recomeçar com o «sim». O importante daquele «Sim, Senhor, eu amo-Te» é uma tensão de toda a pessoa determinada pela consciência de que Cristo é Deus e pelo amor a este Homem que veio por mim: toda a minha consciência é determinada por isto, e eu posso errar mil vezes por dia, até sentir vergonha de levantar a cabeça, mas ninguém me pode tirar esta certeza. Apenas rezo ao Senhor, rezo ao Espírito que me mude, que faça de mim um imitador de Cristo, que a minha presença se torne cada vez mais como a de Cristo.

A moral é amor, amor ao Ser que se fez homem, acontecimento na história, que me alcança através da misteriosa companhia que historicamente se chama Igreja ou Corpo Misterioso de Cristo ou Povo de Deus: eu amo-O nesta companhia. Podem censurar-me por cem mil erros, podem mandar-me a tribunal, o juiz pode mandar-me para a prisão sem sequer me julgar, com uma injustiça patente, sem considerar se eu fiz ou não fiz, mas eles não podem tirar-me este apego que continuamente me faz estremecer com o desejo do bem, isto é, a adesão a Ele. Porque o bem não é «bem», mas a adesão a Ele, é seguir aquele rosto, a sua Presença, é levar a sua Presença a todo o lado, dizê-lo a toda a gente, para esta Presença dominar o mundo - o fim do mundo será no momento em que esta Presença se tornar evidente para todos.

Esta é a moral nova: é um amor, não regras a seguir. E o mal é ofender o objeto do amor ou esquecer-lo. Depois, analisando com humildade todos as voltas e reviravoltas da vida de um homem, pode-se muito bem dizer: «Isto está mal, isto está bem», listar, pondo-os por ordem, todos os erros em que o homem pode incorrer: ou seja, pode-se fazer um livro de moral. Mas a moral está em mim, que amo Aquele que me fez e que está aqui. Se não fosse isso, eu só poderia usar a moral exclusivamente para afirmar uma vantagem minha; em qualquer dos casos, seria desesperante. É preciso ler Pasolini ou Pavese para o entender; não, basta lembrarmo-nos de Judas.

A permanência da moralidade nova

Se o início da moralidade nova é um ato de amor, de adesão, e isso exige a Presença de alguém que nos impressione e atraia todas as nossas forças - como Jesus atraiu Simão - »

¹¹³ *Jesu tibi vivo*, canto medieval, em *Cancioneiro*, p. 77.

¹¹⁴ Cf. 1Jo 4,8.

» torna-se fundamental responder à pergunta: como é que este acontecimento se mantém presente, de forma viva, na nossa existência? A resposta estabelece a possibilidade da moral nova no presente, aqui e agora, senão ela teria início para nós de forma intelectual, abstrata e discursiva. Esta resposta encontra-se naquele termo cristão que pertence à experiência do presente, sem o qual não poderíamos sequer saber se a nossa experiência é concreta ou fantasiosa: a «memória».

Na memória, o acontecimento que experimento de acordo com toda a sua riqueza está imerso no fluxo do tempo e do espaço, faz parte de uma história.

A primeira condição para a moralidade nova é fazer memória daquela Presença que excede os limites do conhecimento humano, isto é, reconhecer aqui e agora a Presença que não pode ser reduzida a nenhuma hipótese humana.

Esta Presença é uma realidade que está diante de nós e, com a força do Seu Espírito, em nós. Ela é permanente na nossa vida e é tão poderosa que torna possível, na nossa adesão a ela, o desenvolvimento de uma nova criação em nós. Assim, pode-se ressurgir depois da imperfeição e do erro, no final de toda a ação que é sempre desproporcional e sempre imperfeita, com um andar mais firme, porque o Seu dom continua, como uma fonte fresca, sem que nenhum limite nosso o possa deter.

A permanência desta Presença é graça, puro acontecimento, ao qual não resistimos a aderir aqui e agora. Reconhecêmo-lo e aderimos a ele. É graça, tal como o é o encontro, o espanto, a sua continuidade, o ímpeto de adesão: e essa graça torna-se nossa porque a aceitamos. *Aceitar* esta novidade absoluta, que acontece mil vezes ao dia, é o aspeto supremo da liberdade.

Tal como para João e André, para Simão, para Zaqueu, o início da nossa mudança é uma graça, um dom. Tivemos um encontro que tem o propósito de nos mudar e de nos realizar. E aderimos a esta Presença, que corresponde excepcionalmente às nossas expectativas, com uma adesão resistente, como em Zaqueu, que já não era definido pela imperfeição em que caía, porque aquela Presença estava ali para lá para ultrapassar como um riacho fresco e puro todo a imundice da floresta da sua humanidade.¹¹⁵

O espanto do encontro, a continuidade do espanto, a adesão àquela Presença que permanece implicam o abraço e a unidade com todos aqueles que aquela Presença coloca ao nosso lado. Ela tornou-se objeto do nosso olhar para que através de nós, com os nossos defeitos, e a dor por eles causada, e o ímpeto estranho que daí advém, seja mais conhecida e amada.

7. A RESPONSABILIDADE E A DECISÃO

Nós fomos amados, somos amados: por isso «somos». A lei moral e a moralidade, quer dizer, a proporção concreta, traduzida em ato, da nossa pessoa ao mistério do Ser, são indicadas por esta primeira e fundamental «lei»: reconhecer e aceitar que somos amados. Nós somos amados. Decorre disso, como consequência, que amar, na sua forma essencial, na sua expressão suprema, é aceitar sermos amados, porque tudo o resto decorre daqui.

Se eu sou amado, se «eu sou» porque «sou amado», o grande problema da minha existência, do meu estar no mundo, o que torna possível que o meu sujeito se torne protagonista de um mundo novo, no qual o eterno começa de forma experimental no tempo, é a minha resposta: *a minha resposta ao Tu* que me ama, o meu corresponder, a minha valorização daquilo que Ele criou originalmente em mim precisamente para que eu me pudesse dar conta d'Ele. D'Ele que, excepcionalmente, decidiu vir para o meio de nós, habitar comigo e falar-me »

¹¹⁵ Cf. Lc 19,1-10.

» familiarmente com as Suas palavras, não copiadas do vocabulário, mas provenientes do eterno, do fundo do Ser do qual me fez partícipe.

Se eu sou porque sou amado, devo responder (*respondeo*): daqui nasce a «responsabilidade». Esta é o terminal de todas as veemências do nosso ser, carregado de uma sensibilidade eterna, em direção ao plasmar da fisionomia final que é a glória do rosto de Cristo,¹¹⁶ em que até a pedrinha mais pequena participará.¹¹⁷ É a palavra responsabilidade que assegura o resultado de uma experiência de correspondência com a verdade, com o fascínio da beleza, com a comoção do bem, com a inefável felicidade. Na sua integridade, a grandeza da palavra «responsabilidade» é a principal fonte do gosto da vida. Se não és responsável por aquilo que te dá prazer ou que te atrai, se não participas nisso de alguma maneira com responsabilidade, não é teu. Por isso, o paraíso implica a tua decisão, implica a responsabilidade: porque o paraíso é para o homem e o homem é livre.¹¹⁸

A responsabilidade exprime-se como decisão da liberdade diante da Presença reconhecida como totalmente correspondente ao destino da pessoa. Mas muitas vezes, a nossa forma de conceber a decisão da liberdade é errada, como se esta fosse um ato determinado, em última instância, por mim: eu decido dizer-te que sim, eu decido dizer «seja feita a tua vontade». Não, é outra coisa. A decisão não pode ser tomada num sentido voluntarioso (como sinónimo de força de vontade).

Para penetrar na sua dinâmica, pensemos no publicano no fundo do templo; não ousava levantar os olhos, mas dizia: «Tem piedade de mim!», e intuía que aquele pedido seria acolhido, que Deus o levaria em consideração e que daria justiça a tudo.¹¹⁹ E mais uma vez, pensemos em São Pedro.¹²⁰ Por que é que diante de Cristo lhe perguntava: «Amas-Me?», nem mesmo a traição de alguns dias atrás não foi um obstáculo? Respondeu «sim» imediatamente, como consequência de um espanto que tinha começado em Cafarnaum, quando André, o irmão, o tinha levado a Cristo, e se sentira olhado por Ele de tal maneira, que foi trespassado por esse olhar e definido na sua qualidade de homem, no seu carácter, tanto que Ele lhe mudou o nome.¹²¹ Do que eram feitos, até mesmo do ponto de vista psicológico, aquela impressão excepcional, aquele espanto inicial? O espanto inicial era um juízo que se tornava imediatamente num apego: era um juízo que era como que uma cola, um juízo que colava Pedro e os discípulos a Ele. Todos os dias que passavam acrescentavam «camadas de cola», e já não conseguiam libertar-se. «Mas vocês nunca observam as leis!».¹²² Todos os fariseus se escandalizavam com o Mestre deles porque estava com aqueles que não observavam as leis! E os apóstolos não sabiam o que responder: «Não sabemos se não respeitamos as leis, mas estamos ligados a este homem». Não era uma ligação sentimental, um fenómeno emocional; era um fenómeno de razão, uma manifestação daquela razão que te «prende» à pessoa que está à tua frente, na medida em que é um juízo sobre a estima: olhando para aquela pessoa, nasce uma admiração feita de estima que faz com que fiques preso a ela. Não há nem sombra de irracionalidade ou de obrigação: «Se formos embora, aonde iremos? Só tu tens palavras que explicam a vida», disse-lhe uma vez Pedro com a sua habitual impetuosidade.¹²³ E depois daquela afirmação, ainda fez trinta por uma linha, tanto que Jesus »

¹¹⁶ Cf. 2Cor 3,18.

¹¹⁷ Cf. Rm 8,19-23.

¹¹⁸ Vejam-se as lindíssimas páginas de C. Pèguy sobre a liberdade: *O mistério dos santos inocentes*, Lucerna, Cascais 2015, pp. 69 e seguintes.

¹¹⁹ Cf. Lc 18,9-14.

¹²⁰ Cf. Jo 21,15-19.

¹²¹ Cf. Jo 1,40-42.

¹²² Cf. Mt 12,1-14; 15,1-20.

¹²³ Cf. Jo 6,68.

» Ihe disse: «Afasta-te, Satanás! Tu és para mim um estorvo, porque os teus pensamentos não são os de Deus, mas os dos homens». ¹²⁴ Que humilhação! Mas a consequência era que Pedro se ligava ainda mais a Ele.

O «sim» de Simão não foi o resultado de uma força de vontade, não foi o resultado de uma «decisão» do homem Simão: era o emergir, o vir à tona, de todo um fio de ternura e de adesão que era explicado pela estima que tinha por Ele (por isso era um ato de razão) graças à qual ele só podia dizer «sim». Este é o «jogo» humano mais verdadeiro, mais autêntico, aquele que nos torna mais amigos de quem é mais amigo, nos faz ficar cheios de ternura pela nossa mãe e de admiração pelo nosso pai: aumenta com o tempo, nunca se detém. E não é irracional: é a única coisa racional. Para Pedro, era uma amizade que não dependia dele, mas que tinha sido feita nascer nele. Com efeito, muitos ouviam Jesus e diziam: «Que bonito!», mas depois iam-se embora; neles, esta amizade, esta ternura, não criavam raízes.

Não era uma decisão como normalmente a concebemos, isto é, como sendo a única forma de implementar a liberdade. A natureza da decisão não é um ato energético da vontade, como no «Deseja, deseja sempre, fortemente deseja!» de Alfieri ¹²⁵. O homem é frágil, é débil como uma criança. ¹²⁶ Só quando o homem reconhece isso é que começa a crescer.

A decisão, portanto, nasce como o estabelecimento de uma simpatia. Os apóstolos iam atrás de Jesus porque estavam ligados a Ele com um juízo que os tornava capazes de uma decisão perfeitamente racional: porque onde se gera um relacionamento que chega a uma simpatia profunda, à renovação de um apego nascido de um espanto incomparável, a racionalidade é um acontecimento. ¹²⁷

¹²⁴ Cf. Mt 16,21-23.

¹²⁵ V. Alfieri, *Lettera responsiva a Ranieri de' Casalbigi [6 settembre 1783]*, em *Tragedie*, I, Paris 1888, p. LXXX.

¹²⁶ Veja-se o final do poema dramático de H. Ibsen, Brand, op. cit., p. 240: «Responde-me, ó Deus, na hora em que a morte me engole: não é então suficiente toda a vontade de um homem para conseguir uma só parte da salvação?».

¹²⁷ Cf. L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., pp. 76-86.